

A celebração de um centenário é sempre ocasião para se voltar ao passado, rever os passos dados e as decisões tomadas pelos que nos precederam, refazer o caminho percorrido pela história até chegar a nós, receber a herança deixada e levá-la adiante, tentando evitar os pontos sombrios que aí apareçam. Voltamos ao passado para dele fazer memória, tomar consciência de nossos compromissos com o presente, e criar expectativas e alimentar esperanças quanto ao futuro.

*A Igreja de Santa Catarina celebra neste ano **dois centenários**. Em 07/09/2014, o de posse de Dom Joaquim Domingues de Oliveira como bispo de Florianópolis, que compreendia, então, todo o Estado de Santa Catarina. Em 23/08/2014, o de nascimento de Dom Afonso Niehues, seu sucessor como arcebispo de Florianópolis. Duas grandes personalidades que marcaram nossa história e nosso rosto eclesial no século passado.*

Diz o livro do Eclesiástico (44,1-15): “Façamos o elogio dos homens ilustres, nossos antepassados através das gerações. O Senhor manifestou uma imensa glória, a sua grandeza desde os tempos antigos. Alguns exerceram o poder em seus domínios, foram renomados em força e dotados de prudência, e expressaram-se em profecias. Outros guiaram o povo com seus conselhos e com a sua habilidade em escrever, e na sua instrução estavam as palavras da Sabedoria. Outros, ainda, excogitaram cantos melodiosos e compuseram os poemas das Escrituras. Outros foram ricos e dotados de força, zelosos na busca da beleza e viveram em paz nas suas casas. Todos esses alcançaram glória entre as gerações do seu povo, já louvados desde os dias de sua vida. Os que deles nasceram deixaram um nome que faz recordar os seus louvores. Outros não deixaram lembrança alguma, desaparecendo como se não tivessem existido. Viveram como se não tivessem vivido, e seus filhos também, depois deles. Agora, porém, falemos dos homens de beemerência, pois seus gestos de bondade não foram esquecidos; eles permanecem com os seus descendentes: seus netos são a sua melhor herança. A descendência deles mantém-se fiel às alianças e, graças a eles, também os seus filhos. A descendência deles permanece para sempre, e sua glória não lhes será



tirada. Seus corpos estão sepultados na paz e seu nome dura através das gerações. Os povos proclamarão a sua sabedoria e a assembleia vai celebrar o seu louvor”.

Seguindo a prática do livro do Eclesiástico (44,1-15) que faz o elogio dos antepassados, e considerando que cada uma dessas palavras pode referir-se explicitamente a nossos pais na fé, nossa revista presta homenagem agradecida e faz o elogio de dois grandes homens que marcaram nossa história no decorrer do século XX.

Conhecido como século da Igreja, nele se concentram o maior número de mártires da história do cristianismo, de papas e bispos santos, catequistas e missionários, de teólogos que romperam com esquemas ultrapassados, de ampliação da presença cristã em todas as culturas, de diálogo entre as igrejas cristãs e com as grandes religiões. Nesse século da Igreja e do Espírito Santo, nossos dois arcebispos foram homens de Pentecostes.

*O Pentecostes de **Dom Joaquim** foi o do zelo apostólico, da liberdade da Igreja diante do poder republicano, da defesa da fé e dos costumes diante dos primeiros ataques do relativismo cultural e moral. Foi o tempo da romanização, que não deve ser vista só em termos negativos, mas como caminho de unidade da Igreja do Brasil com a Sede romana, com o objetivo de garantir a liberdade e a unidade da Igreja. Foram os tempos novos da recém proclamada República, que separa a Igreja do Estado e na qual se tentou superar as práticas do padroado imperial. Tempos que libertam a Igreja dos vínculos estatais para os voos do aprofundamento catequético, da criação de dioceses e, na dinâmica do Espírito, da preparação para as novidades que vieram com o Concílio Vaticano II. O Pentecostes de **Dom Afonso** foi o mesmo do Concílio, da colegialidade episcopal, do diálogo da Igreja com o mundo, da busca ecumênica da unidade com outras igrejas, da defesa dos direitos humanos diante da ditadura militar. Era necessária a criação de novas estruturas para a implantação das diretrizes conciliares, instituições novas para a formação teológico-pastoral dos presbíteros, dos diáconos permanentes e dos agentes de pastoral, organismos novos para a articulação e a ação de agentes sociais que buscam a promoção humana, a conscientização e a libertação dos pobres, e a defesa da família e da vida. Homens de Pentecostes, não foram franco-atiradores que rompessem com a Tradição para angariarem a simpatia de instâncias novidadeiras. Afinal, o Espírito Santo não nega a história, mas insere-se nela e a leva adiante.*



O segredo da permanência institucional da Igreja e de sua relevância nos diversos contextos da história está na conciliação entre os valores do passado e as urgências que nos vêm do futuro.

A FACASC quer homenagear esses dois grandes homens, consagrando-lhes este número especial de nossa revista. Devemos gratidão a eles por muitos serviços prestados à Igreja catarinense. Como bispo de Florianópolis, Dom Joaquim esteve à frente da Igreja de toda Santa Catarina de 1914 até 1927, quando foram criadas as dioceses de Lages e de Joinville. E continuou à frente da Arquidiocese até 1965. Fez visitas pastorais a todas as paróquias do Estado e colaborou na criação dessas duas dioceses sufragâneas e das outras que se lhes seguiram. Como Arcebispo metropolitano, Dom Afonso liderou o episcopado catarinense na criação do Regional Sul IV da CNBB. Com eles constituiu a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, como mantenedora do SEFISC, para moradia dos seminaristas de filosofia em Brusque, e do ITESC, para a formação dos seminaristas teólogos das dioceses do Estado. Quarenta anos depois de sua criação, o ITESC passa toda a sua infraestrutura patrimonial, seu cabedal pedagógico-didático e seu qualificado corpo docente para a FACASC, criada pelo episcopado catarinense em 2009 e credenciada pelo MEC no final de 2011. Como o leitor poderá verificar, este número de Encontros Teológicos se caracteriza por textos de caráter depoencial e artigos de corte reflexivo.

Abrimos a revista com três homilias. Na linha da teologia da época, Dom Joaquim insiste na unção do presbítero com óleo. No espírito do Concílio Vaticano II, Dom Afonso acentua o triplice ministério do presbítero. Na comemoração dos dois centenários, em 21 de agosto passado, Dom Vito Schlickmann faz, com toda a Igreja catarinense, o elogio desses dois grandes bispos, homens ilustres, nossos antepassados.

Servindo-se da imagem da mitra e do báculo, Celestino Sachet faz uma comparação dialética e aparentemente antagônica entre os dois bispos. Dom Joaquim, bispo do Concílio Vaticano I, da constituição Dei Filius, serve-se da autoridade para ensinar o cristão filho de Deus. Dom Afonso, bispo do Concílio Vaticano II, da constituição Lumen Gentium sobre a Igreja povo de Deus, lidera o cristão, membro do povo de Deus, em novos caminhos de evangelização. Carlos Martendal apresenta os dois bispos, diferenciando-os como modelos de dois tempos da Igreja, duas visões a respeito dos leigos. Ir. Clea Fuck faz o mesmo, agora a



respeito de suas concepções e práticas quanto à importância e à presença da vida religiosa na arquidiocese.

Enfocando a figura histórica de Dom Joaquim, três textos fazem memória de seu estilo pessoal e pastoral. Edson d'Ávila relembra as visitas apostólicas do simpático e benevolente pastor à Paróquia de Itajaí. Pe. José Edgard de Oliveira traça uns elementos peculiares da personalidade do homem que foi Dom Joaquim. Dionízio Luiz Colombi, secretário particular de Dom Joaquim, apresenta dados pitorescos da sua agenda quotidiana e pastoral.

Mais próximo de nós, Dom Afonso merece um número maior de textos. Pe. Vitor Galdino Feller desvenda sua teologia teórica e prática centrada no amor e na dedicação à Vinha. Segundo o autor, nosso Arcebispo concentra sua teologia no Reino de Deus como meta divina para o ser humano e o mundo, e na Igreja como organismo humano de Deus no mundo. A partir disso, Dom Afonso focaliza sua ação pastoral num triplice esclarecimento a respeito do recente e vigoroso fenômeno da secularização, do vendaval renovador do Concílio Vaticano II, e da missão da Igreja no campo social. Pe. Vilmar Adelino Vicente analisa os fundamentos bíblicos e teológicos do engajamento social do ministério episcopal de Dom Afonso, ressaltando elementos de sua vigorosa, embora simples e discreta, missão social. O primaz do Brasil, Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, que foi bispo auxiliar de Dom Afonso, mostra-o como incansável trabalhador na vinha do Senhor, em seu amor pela Igreja, em sua paixão pela sua Igreja particular, em seu carinho pelos padres e em sua alegria pelas boas notícias da obra evangelizadora. Pe. Valter Maurício Goedert, especialista em diaconato permanente, faz um relato histórico e teológico do pioneirismo de Dom Afonso e da arquidiocese de Florianópolis na restauração do diaconato permanente sugerido pelo Vaticano II. Afonso Paulo Guimarães, falecido semanas após a entrega de seu texto, faz memória do ministério de Dom Afonso na condução do Seminário de Azambuja e na condução do Paulinum, em Curitiba. Pe. Elias Della Giustina, subsecretário pastoral da CNBB Regional Sul IV nos tempos de Dom Afonso, relata o envolvimento de Dom Afonso Niehues na instalação e, depois, na presidência do Regional Sul IV. O assistente social Fernando Anísio Batista, secretário executivo da ASA – Ação Social Arquidiocesana –, faz um apanhado histórico-pastoral da liderança de Dom Afonso na missão da Igreja arquidiocesana no campo da ação e da pastoral social. A historiadora Clarice Bianchezzi resgata dados históricos que mostram a importância fundamental de



Dom Afonso na defesa de muitos perseguidos pelo regime da ditadura militar. Pe. Reginaldo Pereira trata dos primeiro anos do episcopado de Dom Afonso, quando bispo auxiliar de Lages, no planalto catarinense. Seguem Recensões e Crônicas.

Esperamos que o conhecimento do legado espiritual e teológico, pastoral e cultural, desses dois grandes homens de nossa Igreja catarinense, nos provoque a relançar adiante esta maravilhosa herança.

O Editor